

O macro não é o micro ampliado: gesto, matéria e cor na obra de Maria Lucia Cattani

A espacialidade da obra gráfica de Maria Lucia Cattani, desde o início dos anos oitenta, está fortemente marcada por questões formais relativas à linha e a intervenções cromáticas em superfícies de dimensões restritas. Agora ela experimenta o aprofundamento de algumas proposições formuladas em seus trabalhos dos últimos anos. Estas proposições estão fundamentalmente referidas a questões formais que envolvem a inclusão do gesto, a exploração de variações cromático-tonais e a percepção da matéria na ordenação de uma espacialidade que opera com dimensões não mais restritas.

Do micro do início dos anos oitenta ao macro dos trabalhos recentes, Cattani percorre uma trajetória que não se reduz a uma mera ampliação de escala, mas que se remete a uma exploração dos limites: dos limites da linha à extroversão do gesto; dos limites da incisão precisa e sintética à tátil multiplicidade das texturas; dos limites de um cromatismo que, embora constitutivo, se afirma sempre enquanto grafismo a uma coloração que também se faz organizadora de planos e campos visuais.

O macro não é o micro ampliado – esta racionalidade espacial diversa não é redutível a uma simples questão de medida, pois altera-se a natureza de composição, incorporam-se dimensões pictóricas, supera-se o recurso à modulação na transição entre os formatos iniciais e os atuais, desloca-se da concentração intimista da forma para a pluralidade extrovertida desta e transita-se para uma base cromática mais plenamente constitutiva.

A obra que Cattani vem sistematicamente constituindo apresenta, portanto, continuidade e ruptura. Continuidade na dominância gráfica de seu processo de trabalho no interior da linguagem visual. Ruptura na extensão do linear ao pictórico, da incisão precisa à pincelada vigorosa.

Registro de um processo de reflexão e produção a obra de Maria Lucia Cattani é tanto regional – não sendo, em nenhum momento, regionalista – como demonstra sua óbvia afinidade com a obra gráfica de Iberê Camargo, quanto universal como demonstra a sua não menos óbvia vinculação ao repertório formal contemporâneo. Assim, as gravuras (e desenhos) que, no momento, nos convidam – e por que não dizer instigam? – a um olhar com olhos-de-ver são a um só tempo expressão da vitalidade atual da produção gráfico-visual gaúcha e da possibilidade de reabilitação do prestígio – nacional e internacional – da gravura brasileira.

George Kornis
Julho 1988